



O mapa musical da cidade

Tese de geógrafo mostra que compositor carioca faz de seu bairro tema de inspiração

Tim Lopes

O Rio de Janeiro é um mapa musical. O geógrafo João Baptista Ferreira de Mello, 40 anos, chegou a esta conclusão depois de ter assistido ao show *Marlene na Praça Onze dos Bambas*, na Sala Fanarte, Centro do Rio, no verão de 1986, que considerou "uma verdadeira aula sobre esse espaço da cidade, berço do samba, cantado em várias músicas". No ano seguinte, João Baptista, fazendo mestrado na UFRJ, começou a desenvolver a primeira tese do mundo, segundo ele, associando a música popular à distribuição geográfica da população de uma cidade: *O Rio de Janeiro dos Compositores da Música Popular Brasileira — 1928/1989 — uma introdução à Geografia Humanística*.

"Eu tento interpretar o sentimento e o entendimento do carioca sobre sua cidade, tendo como veio a criatividade de dois compositores, o desabafo e a inspiração por essa musa chamada Rio de Janeiro", disse. João Baptista

passou muitas horas estudando e pesquisando pelas bibliotecas especializadas em arte popular. No final da pesquisa, o geógrafo tinha selecionado 120 canções, desde *A favela vai abaixo*, de Sinhô, gravada em 1928 por Chico Alves, até *Marro Dois Irmãos*, composta em agosto passado por Chico Buarque de Holanda. A tese será defendida em abril do próximo ano.

João Baptista disse que este é o primeiro estudo que emprega os princípios da geografia humanística no Brasil, uma vertente nascida nos Estados Unidos e na Inglaterra nos inícios dos anos 70. "A geografia humanística procura desvendar e revelar o pensamento humano acerca do espaço e do lugar, captando assim a beleza, a fragrância e o ritmo dos lugares", explicou o geógrafo. Ele também fala com carinho da cidade onde nasceu, do bairro do Catumbi de sua infância e da Tijuca, que escolheu para morar por ter muito comércio, cinemas, bares, e pela intimidade que o lugar lhe provoca.

Mas, segundo o geógrafo, isso não quer dizer que o compositor em seu arrebatado amor pela cidade não denuncie os conflitos e sua deterioração. Jards Macalé, por exemplo, mostra ironicamente o Rio de Janeiro à beira do caos em *O Rio saiu do tom*, composta em 1988, que diz o seguinte: *Vamos a la playa! pegar conjuntivite! quem sabe uma cistite! talvez uma hepatite! vamos a la playa! do Leblon a Ipanema! passando em Copacabana, Flamengo, Atterra! o que é bom! o Rio saiu do tom*.

A tese, orientada pelo professor Roberto Lobato Corrêa, foi dividida em quatro grandes blocos, cada um com subdivisões detalhando as experiências vividas pelos compositores da MPB, na cidade do Rio de Janeiro. O primeiro chama-se *Os lugares de residência, trabalho, lazer e das ligações físicas e afetivas*; o segundo, *Consciência sobre a dinâmica da cidade*; o seguinte sobre *Lugar, amizade e identidade* e o último dedicado à *Sagração, fantasia e memória dos lugares*.



João Baptista: Rio é musa da MPB

A musa de muitas canções

Madureira foi cantada em prosa e versos na MPB

Na primeira parte da tese, João Baptista Ferreira de Mello analisa as experiências vividas pelos compositores da MPB no Rio e destaca os subgrupos: *Lugar vivido de moradia*, *Lugar vivido de lazer*, *Lugar da resistência às transformações espaciais* e *O balé do lugar*.

O mambo da cantareira, sucesso de Gordurinha, Barbosa da Silva e Elói de Warthom, fala das sofridas migrações cotidianas em busca de lugares de trabalho: *Só vendo como é que daí trabalhar em Madureira! viajar na Cantareira! e morar em Niterói! é Cantareira! vou aprender a nadar*. "Os homens quando se dirigem a algum ponto, realizam o balé do lugar. O carioca dos chamados subúrbios muda de bairro em bairro até chegar às áreas de amenidades, como Copacabana, na década de 50", diz João Baptista.

Bastante significativa é a letra do samba *Jóia falsa* (1955), de Evaldo Rui, que se encaixa no segmento *O balé do lugar*. Segundo o geógrafo, é um desejo de ascensão social conferido aos cariocas pelo bairro de moradia. Sucesso na voz de Dirceinha Batista, diz o seguinte:



Nasci e fui criado em Madureira
Mais tarde me mudei pro Engenho Novo
E logo aquele povo
Eu conquistei numa semana
E assim numa escala ascendente
Cheguei a ser gente em Copacabana...

Composições revelam paixão por ruas, bairros e praias

Ao analisar o tópico Lugar, Amizade e Identidade, João Baptista criou os subgrupos *Topofilia* (o gostar do lugar), *Lugar e solidariedade e Relações íntimas com o lugar*. Este último item procura mostrar a intimidade com que os compositores cantam e tratam a cidade, como a um ente querido. "Vivendo a realidade carioca, o letrista popular adquire uma afinidade de muito especial com o lugar", explica o geógrafo. Na letra de *Samba do avião* (1963), por exemplo, Tom Jobim deixa explodir sua paixão pelo Rio: *Minha alma canta! vejo o Rio de Janeiro! estou morrendo de saudade*. João Roberto Kelly e J. Rui também cantaram a cidade na letra de *Rancho do Rio*, composta em 1965, ano do 4º Centenário da Cidade.



Foi Estácio de Sá quem fundou
E São Sebastião abençoou
Rio é quatricentário
Mas é um broto no meu coração
Eu falo assim porque Rio
Eu conheço você
Com essa idade que o bom Deus lhe deu
Para cantar tralalá
E para amar
Você está mais broto do que eu

Nas letras, a consciência do isolamento dos grupos

O segundo bloco, denominado *A Consciência sobre a Dinâmica da Cidade*, é subdividido em *A criação do lugar*, *Lugares centrais*, *Geopolítica e territorialidade urbanas*, *Lugar do movimento-difusão espacial* e *Segregação espacial*. Este último capítulo se refere ao isolamento dos grupos sociais em certos lugares, em razão da renda familiar. "As pessoas têm consciência de que cem anos depois da Abolição o negro continua isolado nos morros. Desde o final do século passado, as pessoas de raça negra, em sua grande maioria, procuram morar próximo aos locais de trabalho, o que confere ao Rio um tipo de segregação espacial muito peculiar, caso único no mundo." *Alagados* (1986), de Herbert Vianna, cantado pelo conjunto Paralamas do Sucesso: *...a cidade! que tem braços abertos num cartão-postal! com punhos fechados na vida real! lhes nega oportunidade! mostra a face dura do mal...*. Para exemplificar essa interpretação foi utilizado o samba-enredo da Mangueira, do carnaval de 88, *Com anos de liberdade, realidade ou ilusão?*, de Hélio Turco, Jurandir e Alvinho:



Pergunte ao criador
Quem pintou esta aquarela
Livre do açoite e da senzala
Preso na miséria da favela
Sonhei...
Que Zumbi dos Palmares voltou...

Nostalgia dos bons tempos se mistura ao caos urbano

O quarto e último grande bloco da tese, *Sagração, Fantasia e Memória dos Lugares*, é preenchido pelos conceitos *Celebração do lugar*, *Lugar concebido*, *Restauração dos lugares do passado*, *Nostalgia e caos urbano* e *Utopia carioca*. A partir dos anos 70 a cidade passou a despertar nostalgia deixando de ser cantado como um espaço mítico, em razão da queda de qualidade de vida, do aumento da violência ou da poluição, diz o geógrafo. "A despeito do esvaziamento de Copacabana, o bairro continua a ser um lugar fascinante e sofisticado. Como a própria cidade, inspira o compositor a denunciar em seus versos os conflitos e a sua deterioração", diz João Baptista. Para ilustrar sua tese, nada melhor do que o samba *Mar de Copacabana*, de 1984, de Gilberto Gil.



Já mandei lhe entregar o mar
Que você viu e pediu para eu lhe dar
Outro dia em Copacabana
Talvez leve uma semana pra chegar
Quando eu fui encomendar o mar
Um anjo ri e pediu para aguardar.
Muita gente quer Copacabana
Se o anjo não trouxer o mar
Há mais de mil coisas que ele pode achar
Tão lindas quanto Copacabana...